



**A psicologia dos invejosos: um episódio de *Curial e Guelfa***  
**La psicología de los envidiosos: un episodio de *Curial y Güelfa***  
**The psychology of the envious: an episode of *Curial and Guelfa***

Armando Alexandre dos SANTOS<sup>1</sup>

**Resumo:** Análise de um episódio da novela *Curial e Guelfa*, no qual a psicologia e o modo de atuar dos invejosos são especialmente focalizados.

**Abstract:** Analysis of an episode of the novel *Curial and Guelfa*, in which the psychology and the way of acting of the envious are especially focused.

**Palavras-chave:** Inveja – Psicologia do invejoso – Literatura catalã – *Curial e Guelfa*.

**Keywords:** Envy – Psychology envious – Catalan Literature – *Curial and Guelfa*.

ENVIADO: 13.11.2018

ACEPTADO: 01.12.2018

\*\*\*

A novela de cavalaria *Curial e Guelfa*, obra-prima da literatura catalã do século XV, até há pouco considerada consensualmente como de autor anônimo e com autoria hoje mais bem atribuída a Enyego d'Àvalos (c. 1414-1484)<sup>2</sup>, permaneceu oculta até o

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Portuguesa da História. E-mail: [aasantos@uol.com.br](mailto:aasantos@uol.com.br).

<sup>2</sup> A atribuição da autoria da novela a Enyego d'Àvalos deve-se a extensa pesquisa de Abel Soler, que se estendeu durante vários anos e se corporificou em sua tese de doutorado em Filologia Catalã, defendida em 2016 na Universidade de Valência, sob orientação de Antoni Ferrando e com o título de *La cort napolitana d'Alfons el Magnànim: el context de "Curial e Güelfa"*. Enyego é como figura em catalão na documentação napolitana coeva, o indigitado autor da novela; em latim, grafava-se *Ennechus*, em castelhano *Íñigo Dávalos* ou *Íñigo de Dávalos* e em italiano como *Innico d'Avalos*, sempre com muitas variações ortográficas (cfr. SOLER, Abel. [Enyego d'Avalos, autor de "Curial e Güelfa"? \*Estudis Romànics\* \[Institut d'Estudis Catalans\], Vol. 39 \(2017\), p. 149. Internet, <http://revistes.iec.cat/index.php/ER/issue/view/9501> Acesso a 10/06/2018\).](http://revistes.iec.cat/index.php/ER/issue/view/9501)

último quartel do século XIX, quando sua existência foi divulgada por Manuel Milà i Fontanals (1818-1884).<sup>3</sup> A primeira edição do texto completo do único manuscrito conhecido<sup>4</sup> de *Curial e Guelfa* veio a lume em 1901, por obra de Antoni Rubió y Lluch.<sup>5</sup> Somente nos últimos 30 anos, entretanto, passou a ser estudada sistematicamente nos meios acadêmicos, e tem despertado crescente interesse em pesquisadores de vários países, graças ao IVITRA, promotor de traduções para diversos idiomas.<sup>6</sup>

Do ponto de vista psicológico, é muito digna de nota a riqueza de *Curial e Guelfa*. A descrição dos personagens, tanto os principais como muitos dos secundários, é extremamente sugestiva, mas seu autor não somente descreve, como também insinua traços psicológicos dos personagens. Os diálogos, vivos e cheios de verve, bem como os discursos, mais extensos e menos numerosos no texto, são a esse respeito muito reveladores.

<sup>3</sup> MILÀ Y FONTANALS, Manuel. *Notes sur trois manuscrits: I) un chansonnier provençal; II) un roman catalan; III) une traduction catalane de la Disciplina clericalis de Pierre Alphonse*, en «Revue des Langues Romanes», X/2 (1876), pp. 225-240. Ver também FERRANDO, Antoni. *Curial e Guelfa, joia da narrativa europeia do século XV*. In: *Curial e Guelfa* (tradução de Ricardo da Costa), p. 23.

<sup>4</sup> Manuscrito número 9750, depositado na Biblioteca Nacional da Espanha, com texto incompleto, sem título, prólogo ou índice, com algumas emendas e espaços deixados em branco para serem posteriormente preenchidos. Não contém indicação de autor. Trata-se por certo de rascunho ou primeiro borrador de uma obra ainda *in fieri*, a ser completada mais tarde. (cfr. SOLER, Abel. Art. cit., p. 137).

<sup>5</sup> RUBIÓ Y LLUCH, Antoni ed. *Curial y Güelfa. Novela catalana del quinzen segle*. Barcelona: Real Academia de Buenas Letras, 1901.

<sup>6</sup> *Curial e Guelfa* foi traduzido para o castelhano por Rafael Marquina (*Curial y Güelfa*. Barcelona/Madrid: Ed. Calpe, 1920), por Pere Gimferrer (*Curial y Güelfa*. Madrid: Alfaguara, 1982), por Júlia Butinyà (*Curial y Güelfa*. <http://www.ivitra.ua.es>, 2003), e por David Guixeras (DVD Ediciones, 2010); para o asturiano por Pablo Suárez García (Trabe, 2017); para o português por Ricardo da Costa, com revisão de Armando Alexandre dos Santos (*Curial e Guelfa*. Santa Barbara (CA): EHumanista, 2011); para o francês por Jean-Marie Barberà (*Curial et Guelfe*. Toulouse: Éditions Anacharsis, 2007); para o italiano por C. Calvo y A. Girodano Gramegna (*Curial e Guelfa*. Roma: Aracne, 2014); para o inglês por Pamela Waley (*Curial and Guelfa*. London: Allen & Unwin, 1982) e por Max W. Wheeler (*Curial and Guelfa: A classic of the Crown of Aragon*. IVITRA Research in Linguistics and Literature. John Benjamins Publishing Company, 2011); para o alemão por Gret Schib Torra (*Curial und Guelfa: Ein katalanischer Ritterroman*. LIT Verlag, 2008); e para o holandês por Bob de Nijs (*Curial e Güelfa*. Amsterdam: Bert Bakker, 1996). Ver também: FUSTER ORTUÑO, Maria Ángeles. “*Curial e Güelfa* multilingüe. Traducció a l'espanyol de *Curial e Güelfa* tenint en compte les seues traduccions a l'espanyol i a l'anglès publicades durant els segles xx i xxi. Eines per a l'anàlisi multilingüe de clàssics literaris catalans i romànics (Universitat d'Alacant, Projecte IVITRA). Internet, [http://parnaseo.uv.es/Tirant/Butlleti.12/Tesi\\_Fuster\\_traduccio\\_Curial.pdf](http://parnaseo.uv.es/Tirant/Butlleti.12/Tesi_Fuster_traduccio_Curial.pdf).”

Ao longo da narrativa, Curial enfrentou e venceu numerosos adversários ocasionais, alguns mais, outros menos importantes. Mas, de longe, os antagonistas mais constantes e encarniçados com que precisou se haver foram Ansaldo e Ambrósio, dois velhos cavaleiros invejosos que desde o início da trama urdiram intrigas em relação a Curial, conseguindo, depois de inúmeras tentativas não bem sucedidas, afinal indispor-lo com sua amada Guelfa, a bela, mas autoritária e ciumenta duquesa de Milão, que o rejeitou e banuiu de sua presença.

Somente ao cabo de muitos anos de sofrimento e purgação do herói, Guelfa iria se dar conta de que tinha sido instrumentalizada pelos dois invejosos intrigantes e, abrindo os olhos, aceitou o amor de Curial e com ele, elevado por seus próprios méritos guerreiros e políticos à alta condição nobiliárquica de senhor do Principado de Orange, afinal casou. A atuação dos dois intrigantes contra Curial perpassa de início ao termo toda a novela, a ponto de se constituir um verdadeiro *leitmotiv* dela.<sup>7</sup>

Um episódio narrado nos capítulos 114 a 118 do Livro Segundo da novela bem mostra a psicologia dos dois invejosos e sua forma de atuar é. Trata-se do encontro que tiveram com o rei da França.

Depois de triunfar sobre o Javali, Curial reencontrou em Paris os dois cavaleiros invejosos e, sem nada desconfiar deles, os honrou como a amigos ilustres e dignos de toda a consideração. O prestígio de Curial, na corte francesa, estava então no auge. A vitória espantosa que acabava de obter, o favor de que gozava junto ao rei e a grandes senhores do reino, a própria notícia que chegou aos ouvidos do rei, de uma generosa dádiva que fizera a Aznar, o aragonês companheiro fiel de armas, tudo isso, enfim, contribuía para que Curial fosse por todos exaltado como o melhor dos cavaleiros.

Ansaldo e Ambrósio, diante disso, mostravam-se externamente felizes, por falsidade, mas sentiam-se cada vez mais roídos pela inveja que lhes devorava as entranhas, e manifestavam em sua conduta pelo menos dois dos elementos integrantes do cortejo espúrio de filhos da inveja, a saber, a tristeza com os sucessos de Curial e o ódio em relação a ele.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> COSTA, Ricardo da; SANTOS, Armando Alexandre dos. “A Inveja em Curial e Guelfa (séc. XV) e sua representação na Arte do outono da Idade Média”. *Mirabilia Journal*, v. 20, p. 159-179, 2015. *Internet*, <https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/20-07.pdf>.

<sup>8</sup> O cortejo de filhas espúrias da inveja é constituído, segundo São Gregório Magno e São Tomás de Aquino, pela murmuração (vulgarmente conhecida no Brasil como “fofoca”), pela detração, pela alegria com as desgraças do próximo, pela tristeza com seus sucessos e, por fim, pelo ódio (*Summa Teológica*, II-IIae, q.36, a.4).



Só se falava de Curial; diariamente crescia a sua honra, e os anciãos percebiam-no claramente. Embora demonstrassem sentir prazer com isso, na verdade eles desejavam vê-lo morto, desonrado e abatido. Vede quão escrava é a mesquinha inveja, que, quanto mais honra recebe, mais a aborrece e faz com que deseje que sofra um mal!<sup>9</sup>

Na verdade, eram duas serpentes venenosas, pacientemente à espera do momento em que pudessem dar o bote certo que de longa data maquinavam contra Curial. Houve um momento em que essa ocasião pareceu a ambos ter afinal chegado. Ocorreu que, inesperadamente, mandou-os chamar o rei da França, que continuava empenhado em promover o casamento da princesa alemã Láquesis com o duque de Orleães – casamento que somente ainda não ocorrera porque Láquesis, sempre esperançosa de conquistar Curial, não dava assentimento aos insistentes apelos do duque francês.

O rei estava convencido de que a única forma de quebrar a resistência da jovem seria afastá-la do objeto amado, “pois Láquesis não via nem ouvia nada além de Curial”.<sup>10</sup> Enquanto este continuasse ao alcance das vistas e dos desejos da bela princesa, esta não aceitaria qualquer outro projeto matrimonial.

Sem conhecer a profunda animosidade dos dois cavaleiros em relação a Curial e na crença de serem amigos e confidentes dele, o rei os chamou, falou-lhes do desejo que tinha de que Curial se afastasse de Paris por algum tempo, para que Láquesis o esquecesse e consentisse em realizar o projetado casamento com o duque de Orleães, e lhes pediu que “tentassem conseguir com que Curial quisesse participar de alguma distração fora de Paris, ou, pelo menos, deixasse de ir e vir tão frequentemente à pousada de Láquesis, para que assim ela esfriasse um pouco em relação a ele”.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> [No .s parlava sinó de Curial; tots jorns crexia la sua honor, la qual cosa los ancians veyen bé, e, jatsia mostrassen haver-ne plaer, totavia lo volguéran veure mort, desonrat e abatut. !Vets quina macipa és la mesquina Enveja, que, quanta més honor li farets, més vos avorrirà e desijarà que hajats dan !] (f.129-f.129v). Os textos do original catalão citados na presente tese serão sempre extraídos da acurada edição filológica da novela publicada pelo Prof. Antoni Ferrando (ANÒNIM. *Curial e Güelfa – Introducció i edició filològica per Antoni Ferrando*. Toulouse: Anacharsis, 2007). As referências de páginas corresponderão sempre aos fólios do códice manuscrito de *Curial e Güelfa*, existente na Biblioteca Nacional de Madrid (registro Ms. 9750). Os textos da novela citados em português serão sempre extraídos da já citada tradução do Prof. Ricardo da Costa.

<sup>10</sup> [car Làquesis no veyà ne ohia de Curial avant] (f.129v)

<sup>11</sup> [tenguessen manera que volgués pendre alguna espassa exint de Paris, o, almenys, apartant-se de l'anar e venir tan continu com feya a la posada de Làquesis, a fi que ella refredàs algun poch] (f.129v)

Ao se verem assim repentinamente levados e elevados à presença de um grande rei que com tanta intimidade tratava com eles, os dois invejosos anciões pensaram ter, afinal, chegado o grande momento havia tanto tempo esperado. E julgaram adequado esse momento para, diante do rei, revelarem sua verdadeira face. Depois de terem, entre si, deliberado qual deles falaria por primeiro, um deles principiou seu discurso, que ocupa todo o capítulo II.115 da novela. Nesse discurso, pôs à mostra a peçonha que longamente haviam destilado, juntos, os dois anciões. Dada a importância dessa fala para a compreensão da psicologia e dos métodos de atuação dos invejosos, convém transcrevê-la na íntegra, entremeada de alguns comentários:

– Elevadíssimo e excelentíssimo senhor, se eu estivesse falando com outra pessoa talvez não desse a seguinte resposta, mas diante de tão elevado e tão sábio rei, não deixarei de dizer de boa vontade o que eu penso a respeito de Curial.<sup>12</sup>

Comentário: O orador principia a fala de modo hábil, em tom de humildade e, ao mesmo tempo, procura adular o rei. Trata-se de uma típica *captatio benevolentiae*. Parece clara a intenção de inspirar confiança e credibilidade para o que virá em seguida.

Senhor, saiba vossa mui elevada senhoria que aquele é filho de um pobre gentil-homem; que quase mendigava quando se apresentou, ainda menino, à casa do marquês de Montferrat, meu senhor, o qual, afeiçoando-se a ele, o vestiu e em sua câmara com outros jovens o colocou.<sup>13</sup>

Comentário: Nessa passagem em que fala das origens modestas de Curial, o velho invejoso não chega propriamente a mentir, mas mostra-se maledicente, ao apresentar do modo mais depreciativo possível a pobreza de Curial adolescente, pois diz coisas verdadeiras com claro intuito difamatório. Note-se, a propósito, que maledicência, difamação e calúnia são conceitos afins e conexos, mas não se confundem; são, na realidade, três coisas bem distintas. Maledicência, que provém do latim *male dicere*, é expressão genérica que significa dizer mal de alguém; difamação (ou infamação) é dizer de alguém alguma coisa que pode até ser verdadeira, mas cuja divulgação lhe fere a honra e a boa fama e o torna, no sentido próprio do termo, *infame*; e calúnia é o ato pelo qual se atribui a alguém, mentirosamente e com dolo, um malfeito que não

<sup>12</sup> [— Molt alt e molt excel.lent senyor, si ab altra persona yo parlàs, per ventura no curaria de fer la següent resposta ; emperò, devant tant e tan alt e tan savi rey, no staré de dir ab bona veritat ço que yo sent de Curial] (f.129v-f.130)

<sup>13</sup> [Senyor, sàpia vostra molt alta senyoria que aquest és fill de un pobre gentil home, quaix que anave a les almoynes, e vengué, estant minyó, a casa del marquès de Montferrat, mon senyor ; lo qual, com se altàs déll, féu-lo vestir e en la sua cambra ab altres fadrins lo mes.] (f.130)

cometeu.<sup>14</sup> É de notar, ainda, que o invejoso cavaleiro falseia a realidade dos fatos e, assim, comete falta contra a verdade por omissão, quando atribui única e exclusivamente ao favorecimento do marquês de Montferrat, irmão de Guelfa, a ascensão de Curial, como se este não tivesse mérito algum no extraordinário aprimoramento pessoal pelo qual passou.

Ele cresceu em idade e em astúcia, tornou-se extremamente malicioso e Guelfa, irmã do marquês e senhora de Milão, induzida por um traidor chamado Melchior de Pandó, se enamorou dele a tal ponto que ele não só lhe roubou joias e tesouros, mas também a honra e a fama, de modo que aquela senhora perdeu e perde muitas oportunidades de matrimônio e, se não fosse por ele, ela já estaria casada, pois é muito valorosa, rica e de uma beleza incomparável.<sup>15</sup>

Comentário: Já agora se torna mais pesada a carga cerrada contra Curial, que é desde logo apresentado como astucioso e “extremamente malicioso”, o que significa um juízo de valor altamente desfavorável; e logo a seguir é caluniosamente acusado de ser um ladrão que “roubou joias e tesouros” e também “a honra e a fama” de Guelfa. Esta é, pois, de modo indireto e calunioso, acusada de se ter tornado desonrada e infame. A língua viperina do acusador não poupa sequer a Melchior de Pandó, o administrador dos bens de Guelfa, que é objeto de um juízo de valor extremamente grave na ótica medieval, que é o de ter traído a confiança de sua senhora; e também é acusado, caluniosamente, do crime de ter induzido Guelfa à desonra e infâmia.

<sup>14</sup> Sobre maledicência (*susurratio* ou *murmuratio*), difamação (*detractio*) e calúnia (*calumnia*), é muito amplo e praticamente unânime o ensinamento dos moralistas, que tratam desses assuntos ao comentarem a virtude da veracidade (derivada da virtude cardeal da justiça); ou ao comentarem aplicações concretas do oitavo mandamento do Decálogo (Não levantar falso testemunho); ou ao tratarem dos deveres de justiça em relação ao próximo; ou ainda quando estudam a reparação da fama alheia injustamente atingida (*reparatio lesionis famae*). São TOMÁS DE AQUINO trata largamente do assunto na II-IIae da *Summa Theologiae*, nas questões 73 (*De detractioe*) e 74 (*De susurratioe*) (na edição bilingue da Biblioteca de Autores Cristianos, vol. VIII, p. 603-634). Seu ensinamento é, em linhas gerais, seguido por todos os demais autores que trataram do assunto; entre muitos outros, ver: ROBERTI, Francesco; PALAZZINI, Pietro (orgs.). *Dizionario di Teologia Morale*. Roma: Editrice Studium, 2ª. edição, 1957, verbete “Diffamazione”, p. 439-440; AERTNYS, J.; DAMEN, C.A. *Theologia Moralis secundum doctrinam S. Alfonsi de Ligorio Doct. Ecclesiae*. Torino: Marietti, 16ª. edição, 1950, 1º. volume, p. 714-728; CATHREIN, Victor. *La Morale Cattolica esposta nelle sue premesse e nelle sue linee fondamentali*. Roma: Libreria Pontificia F. Pustet, 1912, p. 394-395.

<sup>15</sup> [Aquest cresqué en edat e en astúcia, e devench molt maliciós; e, ab inducció de un traïdor, qui Melchor de Pandó és nomenat, la Güelfa, germana del dit marquès, que senyora és de Milà, s'enamorà d'ell, en manera que ell li robà no solament lo thesor e joyes, ans encara la honor e fama, de què aquella senyora ha perdut e pert son matrimoni, que, si aquest no fos, és molt valerosa e rica, e de incomparable bellesa] (f.130)

Note-se, por fim, mais uma vez, a sistemática e mendaz omissão dos méritos de Curial: ele “cresceu em idade e em astúcia”, não em merecimento pessoal; ele se elevou graças ao roubo, sem em nada ter pesado seu esforço individual.

E assim ele vai pelo mundo, com os bens daquela senhora. De modo semelhante ele foi à Alemanha participar de uma batalha, como um valentão que é e nada teme, já que não há outro bem nele, e se enamorou desta Láquesis. Mas se ela o conhecesse tão bem como nós, não se interessaria por ele, mas ele a rouba; e a mantém nesse caminho, na condição que vedes, pois não parece que ele tenha algo nem para manter uma mula.<sup>16</sup>

Comentário: No início deste tópico, o invejoso afirma como certo que Curial foi à Alemanha com os bens de Guelfa; disso, porém, ele não tem nem pode ter prova, trata-se de mera suposição ou suspeita temerária; por que não supôs, menos maldosamente, que fora Melchior de Pandó, que todos sabiam ser um homem abastado e protetor de Curial, que o havia ajudado economicamente? Afirma também que na Alemanha Curial se apaixonou por Láquesis, o que não corresponde à realidade, pois foi Láquesis quem se apaixonou por Curial. E, sempre no seu afã difamatório, afirma, ou pelo menos insinua que Curial também rouba a Láquesis, como o fez com Guelfa, e que somente assim se explica o nível de vida que mantém em Paris.

Com esta última acusação leviana e infundada, é a própria Láquesis que fica, igualmente, tisonada pelos jatos de peçonha destilados e lançados pelo invejoso: também ela, como Guelfa, é indiretamente acusada de ter perdido “a honra e a fama”. Por fim, neste tópico mais uma vez o invejoso acusador peca por omissão ao negar os inegáveis méritos pessoais de Curial, quando se refere a ele “como um valentão que é e nada teme, já que não há outro bem nele”.

Embalado na carga contra Curial, o acusador não se dá conta de que ultrapassa francamente os limites da verossimilhança: qualquer pessoa que privasse com Curial e o conhecesse de perto facilmente se dava conta de que ele não era somente “*um valentão*”, mas era homem educado, culto e refinado, que fazia uma bela figura e marcava presença em qualquer corte. Cego pelo ódio, o acusador se esquecia de que seu interlocutor conhecia perfeitamente Curial e ademais, como rei que vivia cercado de cortesãos adutores e intrigantes, desenvolvera o hábito de não acreditar em tudo

---

<sup>16</sup> [e axí va aquest per lo món ab los béns d'aquella senyora. Semblantment, anant en Alamanya per fer una batalla, axí com aquell qui és fortegaç e no dubta res, no havent altre bé en ell, s'enamorà d'aquesta Làquesis – e, si ella .l conexia tan bé com nosaltres, no hauria cura d'ell – e, robà-la; e manté, per aquesta via, l'estat que vets, car no par que ell hage per mantenir una haca.] (f.130)

o que ouvia a respeito da vida alheia. O invejoso, habitualmente tão cauto e controlado, francamente se excedeu no *libellum acusatationis* formulado contra Curial e, com isso, destruiu sua acusação, já que tudo o que é exagerado se torna insignificante.<sup>17</sup> Sem se dar conta, denunciou-se a si próprio, em lugar de incriminar a Curial.

Agora, senhor, vejo que vós lhe concedeis tanta festa e tanta honra que ele perde, e penso que tenha perdido, todo o senso, já que se considera tão grande que não presta honra a ninguém no mundo, pois pensa que todos têm a obrigação de lhe encher o bucho.<sup>18</sup>

Comentário: Na sequência do seu destemperado discurso, o invejoso chega a censurar o próprio rei por festejar e honrar a Curial! Com isso, ultrapassa os limites do bom senso e adentra francamente na perigosa área da inconveniência.

Se ele tivesse juízo, ao perceber que o duque de Orleães se desgosta com a frequência de suas idas e vindas à casa de Láquesis, se afastaria dela. Por sua vez, ela mostra bem que é uma mulher: sempre escolhe o pior, ao invés de saber distinguir um do outro. Contudo, já que vossa senhoria deseja e ordena que ele parta daqui, em breve nós encontraremos uma maneira de fazê-lo se queixar e o faremos ir. Assim Láquesis perderá a esperança e ficará fria com ele.<sup>19</sup>

Comentário: O discurso, depois de se estender longamente nas acusações a Curial, se encerra com a declaração formal de que o desejo do rei, de que Curial se afastasse de Paris, seria atendido.

Agradou ao rei saber que os dois anciãos encontrariam um meio de afastar Curial de Paris, “embora tenha claramente percebido que aqueles anciãos lhe desejavam mal, e que se tivesse sabido disso antes, não teria se aberto com eles”.<sup>20</sup>

<sup>17</sup> “*Tudo o que é exagerado é insignificante*” – frase que se tornou célebre, geralmente atribuída ao diplomata e político francês Charles-Maurice de Talleyrand-Perigord (1754-1838).

<sup>18</sup> [Ara, senyor, veig que vós li fets tanta festa e tanta honor, que ell pert, e pens que hage perdut, lo seny, e sí .s té per tan gran, que ja no porta honor a home del món, ans entén que tots li hagen a fer lo buç.] (f.130)

<sup>19</sup> [E si ell hagués seny, sentint lo duch d’Orleans haver enuig de la freqüentació que fa en anar e venir a l’hostal de Làquesis, bé .s deuria lunyar d’ella. E ella mostra bé ésser fembra, que tots temps tria lo pijor, car diferència deuria fer entre aquells dos. Emperò, puy que vostra senyoria vol e mana que aquest se partisca d’açí, nosaltres lo’n farem anar en breu, car tindrem manera que d’ella lo revocaran; e ladonchs Làquesis perdrà la sperança, e refredar-s’á d’ell.] (f.130-f.130v)

<sup>20</sup> [emperò conegué clarament que aquells àncians li volien mal; e si ell ho hagués sabut abans, no .s fóra descubert a ells] (f.130v)

Na verdade, ao rei desagradou profundamente a atitude falsa e maliciosa dos dois velhos, e fez questão de deixar isso bem patente na longa resposta que lhes deu, a qual todo o capítulo II.116.

O monarca foi de meridiana clareza. Embora pudesse ter dissimulado seu pensamento e deixado os seus interlocutores na crença de que haviam conseguido convencê-lo da indignidade de Curial, preferiu expor lealmente e por inteiro seu pensamento. Começou por dizer que sabia muito bem “de quem Curial foi filho, além de tudo relativo ao seu pai, toda a sua origem”.<sup>21</sup> Não ignorava a ajuda que lhe dera Guelfa, mas, longe de censurá-la, somente a louvava por isso:

– É verdade que essa mulher o fez progredir muito, mas eu vos juro como rei que ela tem nele o melhor e mais valoroso servidor que existe no mundo, e se ela lhe deu e dá os seus bens, não pode nem poderia empregá-los melhor, e ele os merece muito bem.<sup>22</sup>

A seguir, faz de Curial um belo e cabal elogio, no qual o mostra como um homem completo, que possui nobreza, valentia e, ademais, todos os predicados morais e intelectuais de um perfeito cavaleiro – tal como o entendia a mentalidade humanística, ou seja, ao mesmo tempo guerreiro, intelectual, artista e refinado cortesão:

– Dizei-me: qual homem vós conheceis ou haveis visto que seja tão nobre e tão valente? Digo-vos que, entre os cavaleiros que eu conheço, não encontro igual, pois este é cavaleiro no falar e no obrar, na praça e no salão, na liça e em qualquer lugar. Por outro lado, é muito bem preparado e virtuoso, sábio e de grande e notável conselho. Mas eu não me maravilho, pois, entre os grandes filósofos, poetas e oradores, percebo que ele é tido em elevada estima, e vejo que seus feitos irão de bem a melhor, pois ele é tão diligente que nunca perde tempo: quando são feitas armas de qualquer tipo, ele sempre está entre os primeiros, e leva as honras; se o desejais no salão cantando, dançando e se comportando curialmente, digo-vos que ninguém se iguala a ele, e quando parte daqui, não abandona os estudos, pelo contrário, trata os livros com tamanha reverência que todos os que o conhecem o consideram maravilhosamente.<sup>23</sup>

<sup>21</sup> [– Bé sabia yo Curial de qui fonch fill, e la manera tota de són pare, e tot lo seu principi] (f.130v)

<sup>22</sup> [és ver que aquexa dona l' à molt avançat, però yo us jur com a rey que ella té lo millor e pus valerós servidor que sia en lo món, e si ella li ha donat e dóna de sos béns, no .ls pot ne poria en manera alguna mills esmerçar, e ell los mereix molt bé.] (f.130v)

<sup>23</sup> [E direu-me: ¿qual home conexets ni havets vist tan noble e tan valerós? Dich-vos que, entre los cavallers que yo coneix, no li sent par, car aquest és cavaller en parlar e en obrar, e en plaça, e en cambra, e en liça, e en tot loch. D'altra part, és molt abte e virtuós, savi e de gran e notable consell; però no me'n meravell, car entre los grans philòsofs, poetes e oradors, veig que és tengut en gran stima, e veig que son fet ira de bé en millor. Car és tant diligent, que no pert temps, car, com armes se fan en qualsevol manera, ell és dels primers e se'n porta la honor; si .l volets en cambra cantar, dançar e solaçar curialment, dich-vos que algú dels altres no .s pot egualar ab ell; e, partit d'aquí, no lexà l'estudi, ans tracta tan reverencialment los llibres, que tots quants lo conexen ho han a gran

Merece destaque especial, no longo discurso do rei, a referência explícita que a certa altura fez da inveja – o vício que, percebia-o claramente o avisado monarca, estava a inspirar a excessiva e indisfarçada malevolência que nutriam os dois velhos por Curial: “– Que sua pessoa seja bela e graciosa, não preciso dizê-lo, pois, se a malícia ou a inveja não vos cegar, vereis tão bem quanto eu”.<sup>24</sup>

Note-se que as breves palavras “se a malícia ou a inveja não vos cegar” foram proferidas de passagem e inseridas quase que por acaso dentro de um período maior e de sentido completo. Com elas, o rei não acusou diretamente os dois velhos de serem invejosos, apenas indiretamente aludiu ao fato bem conhecido por todos, de que os olhos de um invejoso são cegos para as qualidades reais da pessoa invejada. A cegueira é uma característica inseparável da inveja, frequentemente realçada pela tradição artística medieval.<sup>25</sup>

Mais adiante, voltaremos à análise dessa frase proferida pelo rei. O fato é que a inveja impedia que os dois invejosos vissem o que era óbvio, ou seja, as inegáveis qualidades de Curial. Muito longe de ser um mero “valentão que (...) nada teme, já que não há outro bem nele”, Curial é um homem completo, digno de todo o louvor. Justo e equânime, o rei sentiu necessidade de realçar as qualidades de Curial, como contraponto e contrapeso à omissão injusta e, sabia-o bem embora não o tivesse diretamente afirmado, motivada pela inveja, do discurso que havia pouco ouvira.

A seguir, o rei passa a falar de Guelfa e de Láquesis e declara formalmente que nenhuma das duas sofreria detrimento se se casasse com Curial, pois “em vista de seu valor e das inúmeras virtudes com que Deus generosamente o enriqueceu, ele poderia realizar neste reino, caso quisesse, tal matrimônio que ficaríeis maravilhados”.<sup>26</sup> A

maravella.] (f.130v-f.131) A conjugação do valor militar com as preocupações intelectuais e os refinamentos artísticos era essencial para o humanista; o poeta português Luís de Camões (c.1524-1580) assim se referiu a ele próprio, dirigindo-se ao rei D. Sebastião de Portugal (1554-1578): “Pera servir-vos, braço às armas feito / Pera cantar-vos, mente às Musas dada” (*Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, 1977, canto X, 155).

<sup>24</sup> [Que sia bell de la persona e graciós, no m’o caldria dir, que si malícia o enveja no us té cegats, tan bé ho vets com yo.] (f.131)

<sup>25</sup> COSTA, Ricardo da; SANTOS, Armando Alexandre dos. “A Inveja na Arte medieval e Renascentista”. In: MEDEIROS, Alexandre Pedro de, et al (orgs.). *XI Encontro de História da Arte. a Percepção à Palavra: Luz e Cor na História da Arte*. Campinas, São Paulo: UNICAMP/IFCH/CHAA, 2017, p. 498-505. Internet, <https://www.ricardocosta.com/artigo/inveja-na-arte-medieval-e-renascentista>.

<sup>26</sup> [vista la sua valor e moltes virtuts de què Déus copiosament l’ha fet rich, poria ell fer en aquest regne, si volgués, tan gran matrimoni, que .n seríets maravellats] (f.131).

diferença de condições não seria obstáculo a um matrimônio principesco, para um homem com os predicados de Curial. E concluiu sua fala de modo bastante incisivo:

Assim, não vos preocupeis com essas coisas, pois o costume da cavalaria e da ciência é tal que os homens de pobre estado progridem e se tornam grandes senhores. Todos os reis, inclusive, tanto na cavalaria quanto na ciência, tiveram um início, já que sem elas não seriam maiores que os outros. Por isso, rogo-vos que façais o que me haveis oferecido, e quanto às outras coisas, esquecei-as, pois se o Céu não lhe tivesse outorgado, Curial não teria obtido as vitórias e as honras que conseguiu.<sup>27</sup>

O tiro dos acusadores saiu-lhes, pois, pela culatra. A reação do rei, diante da destemperada e inconveniente investida contra Curial, foi precisamente o contrário do que esperavam.

A resposta categórica do monarca era mais do que suficientemente clara para seus interlocutores entenderem que deviam calar-se e mudar de tática. Em outra ocasião, quando pela primeira vez haviam tentado sem sucesso intrigar o marquês de Monteferrat contra Curial, logo entenderam que deviam mudar de tática e rapidamente o fizeram.<sup>28</sup> Mas, na conversa com o rei da França, contra todas as conveniências, resolveram insistir na sua posição, na tentativa de consertar a desagradável situação criada, e somente se enredaram ainda mais. Por que o fizeram? Mais uma vez, por causa da inveja.

Ao que parece um ponto do discurso real havia sido particularmente sensível para os dois: a alusão, que o soberano, de passagem e de modo indireto, fizera à inveja! “Que sua pessoa seja bela e graciosa, não preciso dizê-lo, pois, se a malícia ou a inveja não vos cegar, vereis tão bem quanto eu”.

O rei, insista-se, não os havia acusado diretamente de inveja, apenas havia dito que a beleza e a graça de Curial eram evidentes para quem não estivesse cego pela malícia ou pela inveja. Como, em sua diatribe contra Curial, nenhuma crítica havia feito ao aspecto físico de Curial e não tinham negado nem a beleza nem a graça de sua pessoa, os dois invejosos poderiam comodamente fingir que não haviam entendido a indireta. É verdade que o monarca usara, na construção da frase, o pronome pessoal da segunda pessoa do plural (vós), mas usara também a forma verbal do futuro do

<sup>27</sup> [E axí, no curets d'aquestes coses, car la costuma de la cavalleria e de la sciència és tal, que avancen los hòmens de pobre stat e .ls fan grans senyors. Car tots los reys, en cavalleria, e encara en sciència, hagueren principi, car sens aquella no fóran majors que los altres. Per què us torn a pregar que metats en obra ço que m'havets profert, e les altres coses metets en oblit; que si del cel no li fos atorgat, Curial no haguera obtengudes les victòries e honors que l'an avançat.] (f.131-f.131v)

<sup>28</sup> Capítulos I.10 a I.12 da novela.

subjuntivo, que atribuía à frase um sentido hipotético e dubitativo, e não um sentido de afirmação factual.

Em outras palavras, era bem melhor que os dois fingissem não ter entendido a alusão do rei... O pior foi tentar dar explicações que, na prática, apenas demonstraram que haviam sentido o golpe recebido. Como bem exprime a sabedoria popular num dito francês tradicional, “qui s’excuse s’accuse”.

De fato, a alusão indireta que o rei fizera à inveja constituía uma estocada profunda e bem dolorida... Nada fere tanto um invejoso como o ver-se denunciado. Nada o envergonha tanto quanto isso! Todos os outros vícios ou pecados capitais são, por vezes, assumidos de modo até jactancioso por quem os tem ou os comete. O luxurioso se gaba de suas proezas e conquistas eróticas, o guloso se compraz na narração dos abusos gastronômicos ou etílicos que cometeu, e o iracundo se deleita em sentir o temor que seus destemperos provocam nos outros.

Por outro lado, o avaro tem tanto amor ao dinheiro que não se peja de dar em público as mais ridículas mostras de mesquinhez e sovinice; o orgulhoso não se envergonha e, pelo contrário, até se julga engrandecido por lembrar e valorizar a todo momento os títulos pelos quais se pretende superior, por mais risíveis e contestáveis que eles sejam; até mesmo o preguiçoso, levado pela inércia a que se entrega, muitas vezes nem se dá ao trabalho de esconder ou disfarçar seu vício.

Com o invejoso, porém, qualquer alusão à sua inveja o faz estremecer e eriçar-se por inteiro. E logo se põe a dar explicações, sem considerar que elas o mais das vezes somente confirmam que o golpe foi sensível e machucou. Foi o que fez o segundo dos velhos, que tomou a palavra em apoio a quanto dissera o primeiro.<sup>29</sup> Começou por tentar explicar que não era por inveja – palavra que cuidadosamente evitou, mas cuja ideia ficou claríssima – que seu companheiro havia falado:

– Senhor, nem a codícia de quitar a fumaça da vanglória dele, nem o desejo de maltratá-lo fizeram meu companheiro falar assim, somente a grande desonra que esse feito ocasiona ao marquês e a Guelfa, cuja honra desejamos e, se pudéssemos, faríamos com que essa senhora, que é a mais bela e mais valorosa do mundo, não perdesse sua honra por ele, e contraísse um bom matrimônio, razão pela qual aqui estamos.<sup>30</sup>

<sup>29</sup> Entre a fala do primeiro e a do segundo, há diferenças de tom, sem dúvida, mas há uma continuação lógica e ideológica. Diante do rei, estava claríssimo que agiam concertadamente e o pensamento expresso por cada um deles era compartilhado pelo outro.

<sup>30</sup> [— Senyor, ni cobdícia de toldre a aquest aquell fum de vanaglòria que té, ni desig de maltractarlo, no ha fet parlar axí món companyó, e sí fa la gran desonor que de aquest fet se segueix al marquès e a la Güelfa, la honor dels quals desijam; e voldriem, si ésser pogués, que aquella dona, la

Depois desse proêmio desastrado, no qual mais uma vez é manifestado o despeito sentido pela dupla de invejosos em relação a Curial, cuja fama é depreciada ao máximo – já que não é senão fumaça, ou seja, pura ilusão, e nem sequer é fumaça de glória, mas tão-só de vanglória – o orador se permite, de modo atrevido e até insolente, brandir contra o rei da França um argumento *ad hominem*: “Que vossa elevada senhoria imagine se em vossa casa tivésseis um cavaleiro que, em vosso dano e prejuízo, perturbasse alguma irmã ou filha vossa, que sentimento teríeis!”<sup>31</sup>

O desastrado argumentador prossegue seu aranzel, de modo cada vez mais inábil e até contraditório:

Nós não nos preocuparíamos tanto com isso se não temêssemos que no primeiro dia que isso chegar aos ouvidos do marquês aquela mulher esteja perdida, sem outra culpa além de ter ajudado o progresso desse cavaleiro, e, de modo semelhante, ele também estará perdido, caso perca o favor daquela senhora. Por isso, todos os dias nós pensamos como melhor e com menos dano podemos evitar esse inconveniente, o qual não pode deixar de acontecer caso Deus ou as boas gentes não o remediarem. E mais: nós somos servidores daquela senhora, temos sua honra recomendada pelo marquês, e a trataremos mal se essa loucura não se converter em bom-senso. O marquês já pressentira isso anteriormente e, por também vermos esse perigo, estamos temerosos e não esperamos o dia em que, sabido isso, morreremos com ela ou estaremos eternamente na prisão.<sup>32</sup>

Que significam essas palavras, tomadas ao pé da letra? Que os dois intrigantes temem e querem evitar duas hipóteses:

1) que, “no primeiro dia que isso chegar aos ouvidos do marquês”, Guelfa perca o favor e a amizade de seu irmão e, assim, se veja “*perdida*”; essa hipótese é em extremo dramatizada na última frase do discurso, que significa que, “*sabido isso*”, o marquês

---

qual és la pus bella e valerosa del món, no perdent per aquest la sua honor, se col·locàs en matrimoni, per la qual cosa som açí venguts.] (f.131v)

<sup>31</sup> [E pens vostra molt alta senyoria, si en casa vostra hagués un cavaller qui en dan e càrrech vostre torbàs alguna germana o filla vostra, quiny sentiment ne hauríets.] (f.131v)

<sup>32</sup> [E nós no curaríem tant d'açò; mes, dubtant que lo primer jorn que aquest fet atenyerà a les orelles del marquès, aquella dona és perduda, sens altra culpa sinó solament lo avançament que fa a aquest cavaller; e, semblantment, ell serie perdut, perdent lo favor d'aquella senyora; e per ço pensam cascun jorn com millor e ab menys dan poguéssem toldre aquest inconvenient, lo qual no .s pot fer que no venga, sí Déus no y proveix, o bones gents. E mes: que som servidors de aquella senyora, e tenim recomanada la sua honor per lo marquès, de la qual li donarem mal compte, si aquesta follia en seny no .s converteix. E lo marquès ja en altre temps n'agué algun sentiment, e, veent lo perill, no estam sens por, e no speram sinó lo jorn que, sabut açò, prengam mort ab ella, stigam en presó per tots temps.] (f.131v-f.132)

condene à morte a irmã e os dois lealíssimos servidores... e se não rolarem as cabeças de ambos, pelo menos serão presos para sempre!

2) que Curial igualmente se perca, “caso perca o favor daquela senhora”.

A primeira dessas hipóteses é francamente absurda, por total inverossimilhança. Guelfa, embora sujeita à autoridade moral do irmão por ser ele o chefe da família, era senhora e soberana de um estado independente, o ducado de Milão. Somente o Imperador, e acima dele o Papa, poderiam exercer, em algumas circunstâncias muito especiais, relativa autoridade judicial sobre a duquesa de Milão. Nenhuma outra autoridade terrena poderia pretender tal autoridade. Ademais, a hipotética reação do marquês “no primeiro dia que isso chegar aos ouvidos” dele também está em contradição com a afirmação literal de que “o marquês já pressentira isso anteriormente”. Se já pressentira, não seria mais nenhuma novidade.

Por outro lado, é simplesmente risível a ideia de os dois velhos temerem e desejarem evitar a perda de Curial “caso [ele] perca o favor daquela senhora”.<sup>33</sup> Depois de terem enxovalhado a reputação de Curial no primeiro discurso, virem agora, no segundo, mostrar-se preocupados com ele é fazer pouco caso da inteligência do rei da França!

Em resumo, a fala do segundo cavaleiro invejoso foi a mais desastrada que imaginar se possa. Para quem faz uma cuidadosa análise textual da novela, uma única interpretação é possível: a alusão à inveja, feita pelo rei, de tal modo atingira em cheio os dois invejosos e lhes abalara o equilíbrio emocional, que estes perderam completamente o senso político, o senso das oportunidades e conveniências, e até mesmo o senso das realidades e do raciocínio lógico.

As qualidades diplomáticas que até então haviam demonstrado, invariavelmente, em todos os lances da sua pérfida atuação contra Curial, e que voltariam a demonstrar dali para a frente, haviam pura e simplesmente se eclipsado de todo, na fala dos dois anciãos, e especialmente do segundo deles, diante do rei da França. Por quê? Porque nada tira tanto um invejoso do seu autocontrole como ser-lhe denunciada a inveja.

Vejam agora a resposta que tão insensata fala obteve do rei, que, apesar da inconveniência e atrevimento do cavaleiro, ouvira com paciência, “muito atentamente todas as palavras que lhe foram ditas”.<sup>34</sup>

<sup>33</sup> Não está dito com toda a clareza no texto, mas se entende que Curial se perderia porque contra ele também se voltaria a cólera do marquês. Pelo menos foi assim que o entendeu o rei da França, como se verá pouco depois, na resposta que este deu.

<sup>34</sup> [molt atentament totes les paraules que li foren dites] (f.132)

– Bons homens, vós carregais um grande peso<sup>35</sup>, porque Curial não teme o marquês e não ousaria fazer o que vós dissestes. Curial tem hoje tais amigos que o marquês não demonstraria ter bom juízo se tentasse fazer alguma coisa dessas. Sem dúvida Curial daria a entender isso com feitos. Tampouco sua irmã cometeu tal crime, conforme eu entendi o que vós dissestes, que mereça a morte ou a prisão. Mesmo que ele tivesse feito alguma coisa, deveis pensar que a Guelfa não faltaria quem a defendesse e, se necessário, vingasse cruelmente.<sup>36</sup>

O rei começou por mostrar que não era razoável imaginar que o marquês tentasse algo contra Curial ou ameaçasse de morte ou prisão sua irmã. Na frase “Curial tem hoje tais amigos que o marquês não demonstraria ter bom juízo se tentasse fazer alguma coisa dessas”, dá a entender de modo assaz claro que é ele mesmo, o rei da França, um desses amigos e não deixaria que nada se fizesse contra Curial.

Não deixa de ser sintomático que o rei se refira em primeiro lugar a Curial e só depois, extensivamente, trate de Guelfa. Claro estava que sua preocupação e seu interesse, no caso, eram prioritariamente referentes a Curial. Tudo isso, na fala ponderada e bem refletida de um rei, tinha enorme alcance. Deviam entendê-lo bem, e de uma vez por todas, os seus dois impertinentes interlocutores!

A seguir, de modo peremptório e muito ao contrário do que pensavam os dois cavaleiros invejosos, o rei respondeu ao atrevido argumento *ad hominem* que ouvira:

– Se em minha casa tal cavaleiro tivesse, e uma irmã ou filha minha dele se apaixonasse, prontamente eu lha daria como mulher, pois, conforme a virtude da cavalaria e a nobreza do coração, nunca cavaleiro algum valeu mais do que esse.<sup>37</sup>

Mais uma vez, considere-se que não era essa uma resposta inconsequente e irrefletida, mas eram palavras proferidas pela boca de um rei, e de um rei pesava muito bem cada palavra que proferia. Equivaliam quase a um virtual reconhecimento de que Curial merecia um principado. Mas o discurso real prosseguiu, e o rei chegou a aconselhar nada mais nada menos que o casamento de Guelfa com Curial: “Assim, se vós

<sup>35</sup> O sentido da frase “*gran càrrech vos carregats*” parece ser “*vós exagerais*” ou “*vós carregais em demasia a gravidade dos fatos*”.

<sup>36</sup> [— Bons hòmens, gran càrrech vos carregats, que Curial poca pahor ha del marquès, ni ell a present gosaria metre en obra ço que vosaltres diets; car Curial ha vuy tals amichs, que lo marquès haurie mal seny si alguna cosa de aquexes assajava; e Curial, sens falla, lo y donaria bé entendre per obra. Ni encara sa sor ha comès tal crim, segons yo he entès e vosaltres axí ho diets, que meresca mort ne presó; e, cas que alguna cosa hi hagués, pensats que a la Güelfa no li falliria qui la defenés e, si mester, la venjàs cruelment.] (f.132)

<sup>37</sup> [Si en ma casa tal cavaller hagués, e germana mia o filla d’ell se altassen, yo la y donaria per muller, car, per virtut de cavalleria e de noblesa de cor, nulls temps cavaller valgué més que aquest.] (f.132)

procurais matrimônio para Guelfa, não vades adiante, pois haveis encontrado Curial, isto é, se os dois quiserem, e não pode haver outro melhor no mundo”.<sup>38</sup> Acrescentou em seguida estas palavras taxativas, que se destinavam a fechar o assunto definitivamente:

– Portanto, sede adjuvantes e não acusadores, pois eu sei de muitas coisas que vós sequer imaginastes. Assim, deixai as outras coisas e fazei o que me haveis proposto. Se porventura encontrardes outro caminho mais honesto do que esse, rogo-vos que o tomeis, pois eu não gostaria de causar um desgosto a Curial por nada deste mundo.<sup>39</sup>

Após o que o capítulo II.111 se encerra com estas simples palavras: “E assim se despediram e cada qual tomou seu caminho”.<sup>40</sup> O caminho dos dois anciãos era o da casa de Curial, onde estavam hospedados. Ali os esperava o anfitrião, sem nada desconfiar da falsidade refinada dos dois hóspedes e completamente desprevenido.

A inveja, tão frequente e constante na história da humanidade, é dificilmente compreendida por pessoas de feitio nobre e elevado. Por não sentirem em si as solicitações pérfidas desse vício capital e, pelo contrário, serem generosas e admirativas, não percebem facilmente a atuação dos invejosos que as cercam e caem, assim, nas redes que estes lhes estendem incansavelmente. Somente depois de muito agredidas pela realidade dão-se conta, tarde demais, dos malfeitos de que são vítimas.

Era precisamente esse o caso de Curial, que em sua ingenuidade “acreditava que os anciãos fossem por dentro o que eram por fora, e não imaginava o que eles tramavam noite e dia”.<sup>41</sup> Quando partiram de Paris para Montferrat, presenteou-os regamente com roupas, com dinheiro para as despesas da viagem e também com duas mulas – cavalgaduras muito apropriadas para longas viagens, porque mansas e de passo suave. Deu-lhes ademais, na sua boa-fé, “cartas para serem entregues ao marquês, nas quais, louvando os anciãos por seu senso e diligência, os recomendava em todas as coisas”.<sup>42</sup>

<sup>38</sup> [axí, si vosaltres per a la Güelfa cercats matrimoni, no anets pus avant, car trobat l'avets en Curial, si ells volen; e no .l pot haver millor en lo món] (f.132)

<sup>39</sup> [E axí, siats ajudadors e no acusadors, car yo moltes coses sé que vosaltres no pensats. Per què, lexant les altres coses, fets ço que mhavets profert'; e, si per ventura altre via pus honesta hi podets trobar, d'aquella us prech usets, car no voldria fer enuig a Curial per cosa del món.] (f.132-f.132v)

<sup>40</sup> [E axí .ls donà comiat, e tengueren lur via.] (f.132v)

<sup>41</sup> [Bé .s pensava Curial que los ancians fossen tals dins com defora, e no pensava en ço que ells treballaven nuyt e jorn.] (f.133)

<sup>42</sup> [letres que trametia al marquès, en les quals, comendant los ancians de seny e de diligència, los acomanà creença de totes les coses] (f.133)

Os ardilosos velhos tudo receberam muito contentes e por tudo deram graças a Curial, que intimamente odiavam com todas as forças de seus pérfidos corações. Ao chegarem a Montferrat, levaram a dissimulação ao auge, pois fizeram os maiores elogios a Curial, diante do marquês e de Guelfa:

E assim os anciãos falaram de tal modo de Curial que todos pensaram que eles o amavam muito. Por isso, Guelfa, pensando que fosse assim, os ouvia de mui boa vontade e, diante de todos, os interrogava acerca de algumas coisas que ela desejava saber, ordenando ainda que eles fossem ao seu quarto para falar com ela.<sup>43</sup>

Era precisamente o que os dois queriam: retornar à intimidade e confiança de Guelfa, a fim de nela poderem inocular seu veneno longamente destilado. Depois de dilatada e paciente preparação, depois de sucessivas articulações tentadas sem sucesso contra Curial – desde a intervenção inicial junto ao marquês até a recente tentativa junto ao rei da França – afinal tinha chegado a hora de vibrarem contra Curial o golpe decisivo.

Esse golpe será realmente vibrado e surtirá pleno efeito. Conseguirá despertar em Guelfa um tal desagrado em relação a Curial, que rapidamente se transformará em ódio. Determinará uma transformação radical na vida de Curial, que até então se mantivera em linha ascensional e podia resumir-se numa sucessão de vitórias. A partir de então, começará o grande drama, o prolongado período de provações e sofrimentos do herói.<sup>44</sup>

\*\*\*

## Fontes

ANÔNIMO. *Curial e Güelfa (Introducció i edició filològica per Antoni Ferrando)*. Toulouse: Anacharsis, 2007.

ANÔNIMO. *Curial e Guelfa*. (Primeira tradução para o português e notas: Ricardo da Costa – Revisão: Armando Alexandre dos Santos. Estudo introdutório e edição de base: Antoni Ferrando). Santa Barbara (CA): EHumanista, 2011.

CAMÕES. Luís de. *Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, 1977.

<sup>43</sup> [E axí parlaren los ancians de Curial, que tothom se tenia per dit que ells lo amaven molt. Per què la Güelfa, pensant que axí fos, los escoltava molt volenterosament, e, presents tots, los interrogava de algunes coses que ella desijava saber, manant-los que a la sua cambra per parlar ab ella venguessen.] (f.133v)

<sup>44</sup> A compartilhar a ótica monomítica de Joseph CAMPBELL, será esse o início da grande provação, da provação traumática do herói, em sua jornada. Ver, a respeito, *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2015, passim.



GREGÓRIO MAGNO. *Libros Morales/1 (I-V)*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1998.

SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, edição bilingue latim-castelhano. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1955-1960, 16 vols.

### Outras traduções de *Curial e Guelfa*

ANÔNIMO. *Curial et Guelfe*. (Tradução para o francês de Jean-Marie Barberà). Toulouse: Ed. Anacharsis, 2007.

ANÔNIMO. *Curial y Güelfa*. (Tradução para o castelhano de Júlia Butinyà). Disponível na internet em <http://www.ivitra.ua.es>. 2003.

ANÔNIMO. *Curial y Güelfa*. (Tradução para o castelhano de Pere Gimferrer). Madrid: Alfaguara, 1982.

ANÔNIMO. *Curial y Güelfa*. (Tradução para o castelhano de Rafael Marquina) Barcelona/Madrid: Ed. Calpe, 1920.

ANÔNIMO. *Curial y Güelfa*. (Tradução para o castelhano de David Guixeras). S/l: DVD Ediciones, 2010.

ANÔNIMO. *Curial y Güelfa*. (Tradução para o asturiano de Pablo Suárez García). S/l: Trabe, 2017.

ANÔNIMO. *Curial e Güelfa*. (Tradução para o holandês de Bon de Nijs). Amsterdam: Bert Bakker, 1996.

ANÔNIMO. *Curial und Guelfa: Ein katalanischer Ritterroman*. (Tradução para o alemão de Gret Schib Torra). Münster: LIT Verlag, 2008.

ANÔNIMO. *Curial and Güelfa*. (Tradução para o inglês de Pamela Waley). Londres: George Allen & Unwin, 1982.

ANÔNIMO. *Curial and Güelfa*. A classic of the Crown of Aragon. (Tradução para o inglês de Max W. Wheeler) IVITRA Research in Linguistics and Literature. John Benjamins Publishing Company, 2011.

ANÔNIMO. *Curial e Guelfa* (Tradução para o italiano de C. Calvo y A. Girodano Gramegna). Roma: Aracne, 2014.

### Bibliografia

AERTNYS, J.; DAMEN, C.A. *Theologia Moralis secundum doctrinam S. Alfonsi de Ligorio Doct. Ecclesiae*. Torino: Marietti, 16ª edição, 1950

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2015.

CATHREIN, Victor. *La Morale Cattolica esposta nelle sue premesse e nelle sue linee fondamentali*. Roma: Libreria Pontificia F. Pustet, 1912.

COSTA, Ricardo da; SANTOS, Armando Alexandre dos. "A Inveja em Curial e Guelfa (séc. XV) e sua representação na Arte do outono da Idade Média". *Mirabilia Journal*, v. 20, p. 159-179, 2015. Internet, <https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/20-07.pdf>.

COSTA, Ricardo da; SANTOS, Armando Alexandre dos. "A Inveja na Arte medieval e Renascentista". In: MEDEIROS, Alexandre Pedro de, et al (orgs.). *XI Encontro de História da Arte. a Percepção à Palavra: Luz & Cor na História da Arte*. Campinas, São Paulo: UNICAMP/IFCH/CHAA, 2017, p. 498-505. Internet, <https://www.ricardocosta.com/artigo/inveja-na-arte-medieval-e-renascentista>.

FERRANDO, Antoni. *Curial e Guelfa, joia da narrativa europeia do século XV*. In: *Curial e Guelfa* (tradução de Ricardo da Costa).

- FUSTER ORTUÑO, Maria Ángeles. “*Curial e Güelfa* multilingüe. Traducció a l'espanyol de *Curial e Güelfa* tenint en compte les seues traduccions a l'espanyol i a l'anglès publicades durant els segles xx i xxi. Eines per a l'anàlisi multilingüe de clàssics literaris catalans i romànics (Universitat d'Alacant, Projecte IVITRA). Internet, [http://parnaseo.uv.es/Tirant/Butlleti.12/Tesi\\_Fuster\\_traduccio\\_Curial.pdf](http://parnaseo.uv.es/Tirant/Butlleti.12/Tesi_Fuster_traduccio_Curial.pdf).
- MILÁ Y FONTANALS, Manuel. *Notes sur trois manuscrits: I) un chansonnier provençal; II) un roman catalan; III) une traduction catalane de la Disciplina clericalis de Pierre Alphonse*, en «Revue des Langues Romanes», X/2 (1876), pp. 225-240.
- ROBERTI, Francesco; PALAZZINI, Pietro (orgs.). *Dizionario di Teologia Morale*. Roma: Editrice Studium, 2ª. edição, 1957
- SOLER, Abel. [Enyego d'Avalos, autor de "Curial e Güelfa"?](#) *Estudis Romànics* [Institut d'Estudis Catalans], Vol. 39 (2017), p. 149. Internet, <http://revistes.iec.cat/index.php/ER/issue/view/9501> Acceso a 10/06/2018).